

*Ano
Culcuna -
Teccudo Unidos*

Orlanda da Conceição Silva – Dona Orlanda
TERNO DE CONGOS SÃO GERÔNIMO E SANTA BÁRBARA

Orlanda da Conceição Silva nasceu em 14 de julho de 1925, na vizinha cidade de Mococa, São Paulo. Já foi doméstica, cozinheira, costureira e exerceu outras atividades relacionadas. Atualmente é aposentada.

“Quando tinha doze anos ela foi para São Paulo, então a família se dispersou e o envolvimento com a Congada arrefeceu”. Mudaram-se para Poços de Caldas em 1966 e encontraram a Congada mais uma vez, após terem retomado o contato em Alfenas. “O Ditinho (Benedito Luís Costa) vinha buscar a gente para fazer parte da Congada dele (a Congada Nossa Senhora do Rosário); mas depois minha mãe (Orfelina da Conceição Domingos) achou que devia formar um Congo, porque ela tocava o Terno de Congo lá em Alfenas. Aí ela pegou e formou outra vez a Congada, mas só que esta Congada mudou para São Gerônimo e Santa Bárbara, antes chamava Congada de José Luciano e Nossa Senhora do Rosário”.

Orfelina achava que sair em outras Congadas sempre trazia algum pequeno aborrecimento. Orlanda pertence até hoje a Congada que sua mãe formou. *“Nesse tempo tinha o meu marido, o José Clementino Filho; minha mãe; saiu uma moça Rosalina da Silva, saímos em quatro pessoas; depois veio Dona Lazinha, e foram cinco pessoas que fundaram este Congado. Faleceram todos que já era uma turma de idade, só ficou eu”,* conta rindo. O verso de cantoria da sua Congada que ela acha mais bonita é o Louvor ao São Benedito. *“Este aí é a coisa mais bonita que a gente canta pra ele: ‘Meu São Benedito/ Olha nossa Coroa/ Meu São Benedito/ Olha nossa Coroa/ Eu peço pelo amor de Deus, ó meu pai, não deixe cair à toa/ Eu peço pelo amor de Deus/ ó meu pai, não deixe cair à toa’.* O louvor pede para que São Benedito olhe a nossa cabeça, que é a coroa, para não deixar sair dela aquilo que nós estamos fazendo”. Com o falecimento de Orfelina, há dez anos, foi legada a Orlanda uma espada. *“É uma espada que nós temos da Guerra do Paraguai, que foi do meu bisavô. Esta espada era passada, dentro do Congo, para cada filho. Não teve mais filho homem, então passou para minha mãe, e minha mãe faleceu e passou para mim”. Por isto ela é capitã de Congo. “Estou tocando a Congada até o dia que Deus me ajudar. Porque é de raiz, e eu gosto, faço muita questão”.*

A família de Orlanda não participa da Congada, a exceção de um neto. *“Mas meu neto é pequenininho, então por enquanto ainda está interessado, mas não sei se vai continuar. Os outros começaram, mas mudam muito as coisas. Então, se um dia eu parar, vou ter que passar a espada para alguém de fora e não da família, se interessar; porque tenho primeiro e segundo*

capitães, se quiserem seguir”. Orlanda se revela pessimista. *“A mocidade não tem muito interesse por isto. Da turma que está nos Congados só tem os mocinhos. Começam, mas depois já acham que não dá certo, ou têm vergonha, acham que é bobagem. Mas é o modo de viver do povo de hoje, a mocidade só pensa em ilusão, em drogas, em bebidas; e para entrar em uma Congada tem que ser uma pessoa que seja responsável, e também para pegar em instrumento precisa ser responsável. Muita gente acha que Congada não tem valor, então isto está se perdendo. Já é não mais aquela fúria que tinha ‘de primeiro’. Hoje é muito difícil, porque a gente convida: ‘Ah, vamos fulano, vamos sair no Congo’. E eles dizem: ‘Ah, não, tenho vergonha’. Assim não vai voltar o tempo em que todo mundo gostava e fazia. A Associação é pra poder ver se as pessoas se interessem mais”.*

Orlanda é a presidente da Associação dos Ternos de Congos e Caiapós de Poços de Caldas. *“Graças a Deus conseguimos fazer a Associação para não acabar a raiz da Congada, esta coisa tão bonita. A gente tem muita responsabilidade, que eu sou Babalaô (mãe de santo) e Capitã de Congo. Vai ser bom para tudo, para as pessoas tenham mais interesse, para sentirem-se melhor. Talvez, com a Associação, vai ter muita coisa boa pra explicar, para a pessoa ter amor naquilo que está fazendo. Então, agora que está começando, vou começar a entrosar a turma de Congo. Como sai uma vez só, a gente vai entrosar, chamando para o pessoal animar. É uma coisa muito bonita, mas tem gente que acha que não é. Então está difícil, mas vamos ver, se Deus quiser, com a Associação a gente explica para as pessoas não terem vergonha, para poder tocar esta raiz folclórica muito bonita. Tem muita cidade por aí que tem umas Congadas que são uma beleza”.* Ela lembra que nos bons tempos vinham Congados e Caiapós de outras cidades para Poços. *“Eu mesma cheguei aqui e assisti uns oito Congados que chegavam aqui de carro, de Belo Horizonte, de Machado, destas cidades que tinham os Congados. Agora não vem nenhuma, as pessoas se afastaram”.* Uma das intenções da Associação é fazer intercâmbios com outras cidades. *“Agora não tem nada disso, eu sinto que já estou velha para poder ter pulso, mas quero incentivar alguém que se interessa, de qualquer Congada, para lutarmos para puxar estas coisas para cá, para ficar mais bonita a festa, que São Benedito merece”.*

Outra intenção é preparar algo especial para comemorar os cem anos da Festa de São Benedito (em 2004). Este ano, algo diferente já será posto em prática. *“É que na procissão saem São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa ‘Ifigênia’. Então no dia 13 de maio, ao invés de coroar Nossa Senhora da Conceição, como estão fazendo, deveriam coroar Nossa Senhora do Rosário. Pedi para o padre Graziano licença para a gente pegar Nossa*

Senhora do Rosário na Igreja de Santo Antônio, na Rua São Paulo, no dia três, que é a 'levantação' dos mastros. Nós vamos sair lá da porta do Palace Casino, entramos na Rua São Paulo, e ali vamos parar na 'igrejinha' vamos para pegar Nossa Senhora do Rosário, para que no dia da festa ela saia com São Benedito”.

Orlanda é nostálgica com relação à festa. “Acho que naquele tempo era mais de raiz, tinha muita gente que gostava e que se interessava. Acho que era bem mais animado do que hoje. Teve uma parte que foi muito bom, que tiraram muita bebida, bagunça e desordem, isto aí foi ‘sereno’; mas não deviam ter tirado as pessoas que fundaram esta festa, como os barraqueiros. ‘Deixaram eles’ de lado. Era aquela união, a procissão era muito bem organizada, tinha coisas boas. Agora, como tem outro comando, como se diz, ficou muito diferente. Com a fundação da Associação, consegui por lá a barraca dos congadeiros, porque com isto quero ver se consigo chamar a atenção do povo que gostava das Congadas e das festas de antigamente”. Orlanda é uma prova viva do sincretismo religioso tão enraizado no Brasil. “Não estou falando mal da Igreja, porque sou católica, e o mundo é de todos nós, não é por causa de eu ser espírita que eu vou desfazer da Igreja, eu vou lá, confesso, comungo, para unir as religiões, que não tem nada a ver uma com a outra”.

A importância da fé em São Benedito, ao seu ver, está na valorização da negritude. “É que puxa muito pelos negros, né? No caso de São Benedito ser negro, e a Congada vem mesmo dos africanos, dos índios. A Congada é puxada pelos negros mesmo, então o branco que é interessado em São Benedito, ele já tem uma raiz dos negros para ele também. Isto é muito importante. No começo das Congadas, os reis, os ‘calafatins’, os marinheiros, eram todos negros; tinham as embaixadas, que hoje não existem mais, só tem a embaixada do Bucha. O problema é que não tem o número suficiente de pessoas para realmente compor uma embaixada, eles fazem só para celebrar. Precisa de muita gente, tanto homens como mulheres. Vamos ver todos se unem para termos uma Congada bem bonita, bem de paz, para todos irem, olharem e se sentirem bem”.

Reportagem: Daniel Souza Luz – 28/04/2003